

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS BIBLIOTECAS DE SÃO CARLOS: UMA  
ANÁLISE COMPARATIVA**

**Felipe Thomazini**

**São Carlos - SP**

**2023**

FELIPE THOMAZINI

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS BIBLIOTECAS DE SÃO CARLOS: UMA  
ANÁLISE COMPARATIVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Profa. Dra. Ariadne Chloe Mary Furnival.

São Carlos

2023

Thomazini, Felipe  
T465h Histórias em quadrinhos nas bibliotecas de  
São Carlos : Uma análise comparativa / Felipe Thomazini. —  
2023.  
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Universidade  
Federal de São Carlos, São Carlos, 2023

1. Histórias em quadrinhos 2. Gibitecas. 3. Bibliotecas  
públicas. I. Histórias em quadrinhos nas bibliotecas de São  
Carlos : Uma análise comparativa

Histórias em Quadrinhos nas Bibliotecas de São Carlos: Uma Análise Comparativa.

Felipe Thomazini

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ariadne Chloe Mary Furnival (Orientadora)  
Universidade Federal de São Carlos

---

Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa  
Universidade Federal de São Carlos

---

Dr. Nelson Sebastian Silva Jerez  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, prof<sup>a</sup> Chloe, que conduziu minha iniciação científica e o presente trabalho com muita paciência, gentileza e dedicação, sempre receptiva às minhas ideias e disposta a compartilhar seu conhecimento.

Aos meus familiares, especialmente à mãe Renata, vó Hermínia e tia Roberta por todo o apoio em minha jornada na graduação.

Aos professores que contribuíram para a minha formação, desde os professores da graduação até os do ensino fundamental e médio. Cada um foi essencial à sua maneira e reitero meu profundo respeito com a arte de ensinar.

Aos amigos Gabriela e Herisson pelo companheirismo. Vocês fizeram os últimos seis anos da minha vida mais coloridos, divertidos e felizes.

## RESUMO

A partir de uma abordagem comparativa ao que a literatura traz sobre o cenário nacional, o presente trabalho explora a inserção das histórias em quadrinhos nas bibliotecas de São Carlos. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada com abordagem qualitativa do problema e objetivo descritivo. Recorre-se à Pesquisa Bibliográfica sobre a relação entre bibliotecas e quadrinhos e ao Estudo de Caso sobre quatro bibliotecas da cidade de São Carlos que incluem em seus acervos coleções de histórias em quadrinhos. Constata-se não existir relação direta entre o tamanho da coleção de quadrinhos de cada biblioteca com o tratamento informacional empregado. Embora tenham prevalecido as instituições que não realizam a classificação, catalogação e indexação dos itens, três das quatro bibliotecas oferecem os itens para empréstimo domiciliar a partir de um controle simplificado, ao contrário do cenário nacional que mantém a coleção restrita à consulta interna. É ressaltada a necessidade de buscar apoio institucional que vem através de verbas de aquisição, políticas consistentes e profissionais que conhecem o potencial da nona arte. É destacado que a iniciativa e dedicação pessoal de entusiastas não deve continuar sendo uma condicionante para as HQs ocuparem espaços culturais e da promoção de conhecimento.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Gibitecas. Coleção de histórias em quadrinhos. Bibliotecas públicas.

## **ABSTRACT**

From a comparative approach to the national scene, this study explores the insertion and informational treatment of comic books in libraries in São Carlos. Applied research with a qualitative approach and a descriptive objective. Includes a Bibliographic Research on how comic books are organized in libraries and a Case Study on four libraries with collections of comics in the city of São Carlos. It is found that there is no direct relationship between the size of each library's comic collection and the informational treatment employed. Although institutions that do not perform the classification, cataloging and indexing of items prevailed, three of the four libraries offer items for home loan based on a simplified control, contrary to the national scenario that keeps the collection restricted to internal consultation. It emphasizes the need to seek institutional support that comes through acquisition funds, consistent policies and professionals who know the potential of the comic books. It is highlighted that the initiative and personal dedication of enthusiasts should not continue to be a condition for comics to occupy cultural spaces and the promotion of knowledge.

Keywords: Comic books in libraries. Comics in libraries. Comic book collections. Public libraries.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
1.1 JUSTIFICATIVA	9
1.2 OBJETIVO GERAL	10
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>11</b>
<b>3 QUADRINHOS: DEFINIÇÕES, TERMINOLOGIAS E HISTÓRICO</b>	<b>12</b>
3.1 PERCURSO HISTÓRICO	14
3.2 MARCOS CULTURAIS	17
3.3 GÊNEROS E FORMATOS	18
<b>4 QUADRINHOS: NA ACADEMIA E NA BIBLIOTECA</b>	<b>21</b>
4.1 OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO	21
4.2 COLEÇÕES DE QUADRINHOS EM BIBLIOTECAS E BIBLIOTECAS	22
<b>5 RESULTADOS</b>	<b>24</b>
5.1 ESTUDOS DE CASO	24
5.1.1 <i>BIBLIOTECA DO CENTRO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL</i>	24
5.1.2 <i>BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SÃO CARLOS</i>	26
5.1.3 <i>BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AMADEU AMARAL</i>	28
5.1.4 <i>BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS</i>	30
5.2 ANÁLISE COMPARATIVA COM O CENÁRIO NACIONAL	36
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando, em 2023, o celebrado quadrinista e empresário brasileiro Mauricio de Sousa candidatou-se a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, o debate sobre o lugar dos quadrinhos nas artes e na sociedade foi retomado. Mais especificamente quando o jornalista James Akel, também candidato à cadeira oito, declarou não considerar a história em quadrinho (HQ) como literatura.

Leitores nostálgicos e acadêmicos que reconhecem a contribuição cultural do criador da *Turma da Mônica* saíram em defesa apontando para uma ótica diminutiva ainda aplicada aos quadrinhos na sociedade. Um caminho para a defesa, e o mais lógico, seria argumentar que sim, quadrinhos são literatura. Embora intencionado de um ponto de vista que busca legitimar a mídia para além de seu valor de entretenimento, o argumento reduz a singularidade da linguagem e aponta para a raiz do problema: ainda há um profundo desconhecimento sobre quadrinhos, seus signos e efeitos.

HQ não é literatura, e reconhecer isto não diminui seu valor artístico. Os quadrinhos possuem uma linguagem própria que existe por si só, com signos não necessariamente empregados na linguagem da literatura (Petry, 2017). Este olhar permite, dentre outras coisas, que os quadrinhos sejam estudados a partir de modelos teóricos próprios, ao invés de recorrer a modelos da literatura ou do cinema nos trabalhos acadêmicos científicos. Estudar quadrinhos como linguagem própria é fortalecer a ocupação e apropriado tratamento em importantes espaços, dentre eles, a biblioteca.

A inserção dos quadrinhos nas bibliotecas foi um processo lento e enfrentou o desconhecimento dos profissionais bibliotecários. Vergueiro (2005, p. 4) aponta que, como parte da sociedade, os profissionais bibliotecários também são influenciados por ideias dominantes no seu tempo: “[a] prática bibliotecária desenvolve-se no emaranhado das relações sociais que caracterizam um determinado agrupamento humano.” Cinco anos após o trabalho de Vergueiro (2005), Batista (2010) retoma a discussão e acrescenta que em muitas instituições nas quais a incorporação dos

quadrinhos ao acervo avançou, isto se deu através de um tratamento negativamente diferenciado.

A formação de um acervo envolve determinados processos e métodos, inclusive um estudo profundo sobre as necessidades dos usuários da biblioteca em questão. Por muito tempo, inferiu-se que o público interessado por HQs é o público infantil, desconsiderando uma ampla parcela da população e mantendo os materiais limitados a bibliotecas escolares e sessões infantis de bibliotecas públicas. Como contrapartida, surgem as gibitecas. A iniciativa de criar uma coleção a parte para os materiais busca reivindicar o espaço das HQs na instituição, ainda assim, pode esbarrar na problemática de tornar-se uma justificativa para que os profissionais da informação evitem lidar com barreiras de ordem técnica (Batista, 2010).

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Uma possibilidade de abordagem da problemática é o estudo de recortes específicos, tipológicos ou geográficos. Batista (2010), por exemplo, analisou as particularidades da inserção dos quadrinhos em bibliotecas públicas do Brasil. No presente trabalho, o recorte geográfico será a cidade de São Carlos, mais especificamente a amostra engloba quatro bibliotecas locais com diferentes tipologias e públicos. Analisar como progrediu práticas bibliotecárias em São Carlos implica em retomar o histórico da cidade com a Biblioteconomia.

Fundada em 1959, a Escola de Biblioteconomia de São Carlos formou cerca de mil bibliotecários até o ano de 1994, quando foi incorporada à Universidade Federal de São Carlos (Mey *et al*, 2007). O curso de graduação forma profissionais que atuam na região de São Carlos, bem como outros estados do país; mas a centralização de estudos, palestras e eventos da Biblioteconomia na cidade nos põe a pensar como isso reflete nas práticas bibliotecárias da própria cidade. Mais especificamente, questiona-se: o fato de constituir-se como um dos pólos da Biblioteconomia no país implica em profissionais aptos a lidarem com acervos específicos, como o de HQs, por exemplo?

A questão guiou a pergunta de pesquisa deste trabalho: quais as particularidades que perpassam a inserção das histórias em quadrinhos em bibliotecas da cidade de São Carlos?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

A partir de uma abordagem comparativa ao que a literatura traz sobre o cenário nacional, o objetivo geral da pesquisa é detalhar a inserção das histórias em quadrinhos nas bibliotecas analisadas da cidade de São Carlos.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Dentre os objetivos específicos, ressalta-se a pretensão de fornecer embasamento teórico para:

- justificar e incentivar a construção de políticas consistentes de desenvolvimento e manutenção de coleções de histórias em quadrinhos em unidades de informação;
- explorar como inferências fruto do senso comum ajudam a manter o sistema que restringe o potencial de coleções de quadrinhos;
- discutir como diferentes posturas dos profissionais influenciam diretamente na experiência do usuário.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada com abordagem qualitativa do problema e objetivo descritivo. Quanto aos procedimentos técnicos, recorre-se à Pesquisa Bibliográfica sobre a relação entre bibliotecas e quadrinhos historicamente no cenário nacional e ao Estudo de Caso sobre quatro bibliotecas da cidade de São Carlos que incluem em seus acervos histórias em quadrinhos, sendo elas: A Biblioteca do Centro de Divulgação Científica e Cultural da Universidade de São Paulo, a Biblioteca Comunitária da Fundação Educacional de São Carlos, a Biblioteca Pública Municipal Amadeu Amaral e a Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos.

Previamente, a pesquisa iria analisar a percepção dos usuários da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, com potencial abordagem *in loco*. A pandemia alterou os planos e a amostragem foi expandida para as três demais bibliotecas, ao passo que suprimiu-se a aplicação do formulário de avaliação de serviços da biblioteca.

O Estudo de Caso foi conduzido a partir da aplicação de questionários com respostas abertas enviados aos responsáveis pela biblioteca ou pelo departamento referente às HQs; também utilizou-se de relatórios anuais, estatutos, políticas internas e trabalhos acadêmicos previamente publicados sobre as instituições públicas.

O escopo bibliográfico envolve o aprofundamento para além da relação bibliotecas e HQs, expande-se para as especificidades dos processos de aquisição, catalogação, indexação, classificação, preservação e empréstimo para posteriormente comparar as bibliotecas de São Carlos com as tendências registradas na literatura científica à nível nacional.

### 3 QUADRINHOS: DEFINIÇÕES, TERMINOLOGIAS E HISTÓRICO

Em seu esforço de conceituar cientificamente as histórias em quadrinhos em um contexto de baixa produção sobre a temática, Eisner (1985) reuniu e sintetizou em seu livro vários anos de aulas ministradas na *School of Visual Art* de Nova Iorque. O autor foi além da estabelecida definição de linguagem atrelada à decodificação de imagem/texto e recorreu a um conceito que posteriormente solidificou-se na literatura: arte sequencial.

Eisner (1985) conceitua arte sequencial como um veículo de expressão artística responsável por dispor figuras, imagens ou palavras de forma a transmitir uma informação. Associado também a uma forma literária, em muito a arte sequencial se configura como um elemento precursor da criação cinematográfica. Outro autor relevante, McCloud (1994, p. 9) dedicou-se às especificidades das HQs, analisando sua linguagem e as definindo como: “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada”. Uma linguagem que, diferente das produções cinematográficas, veicula informação ao espectador através de artes posicionadas de forma adjacente e não em sequência temporal. A ideia expandiu consideravelmente a visão popular e embasou cientificamente outros tantos trabalhos acerca do nível de leitura exigido pelos quadrinhos:

[...] as imagens são justapostas, com o passado, presente e futuro do mesmo evento se apresentando em um só espaço, proporcionando ao seu leitor autonomia e domínio do timing da ação não encontrados em outras formas de comunicação, o continuum transcorrendo de acordo com sua vontade, só encontrando barreiras na velocidade do olhar. (Souza; Toutain, 2010, p. 2).

Importante acrescentar que tanto Scott McCloud quanto Will Eisner são teóricos e simultaneamente quadrinistas. Eisner utiliza suas próprias produções como exemplo, e McCloud escreveu sua popular trilogia de livros sobre quadrinhos no formato de história em quadrinhos. Ambos dominam a linguagem e a conhecem intimamente para contar suas histórias e, ademais, conceituá-la a nível científico.

Uma competência exigida pela linguagem dos quadrinhos é que o leitor participe ativamente completando o que acontece entre um quadro e outro. No cinema, os cineastas perceberam que omitir momentos chave acabava por incitar a imaginação do público e engajá-lo na trama. Entretanto, o engajamento do leitor é requerido por

característica própria da linguagem dos quadrinhos: este precisa recorrer à imaginação para completar os espaços entre quadros; e os artistas contam com uma série de transições que exigem diferentes processos mentais (McCloud, 1994), como demonstrado na figura 1. A transição tema para tema se mantém dentro da mesma ideia, mas exige do leitor uma atribuição de sentido. A transição cena a cena é pautada na dedução: o leitor precisa completar tempo e espaço entre os quadros. Enquanto a transição aspecto para aspecto exige interpretações acerca de um lugar, ideia ou atmosfera (McCloud, 1994).

Figura 1 – Transições quadro a quadro em HQ



Legenda: Na parte superior, exemplo de transição tema para tema. No centro, exemplo de transição cena a cena. Na parte inferior, exemplo da transição aspecto para aspecto.  
Fonte: McCloud (1994)

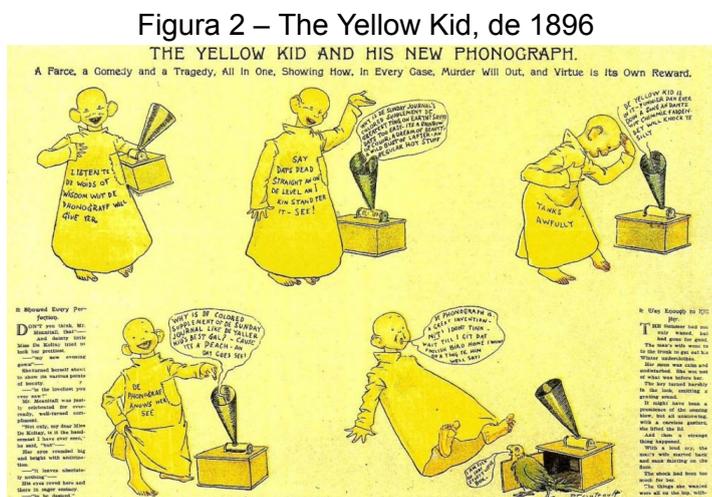
A transição entre quadros é um dos elementos que compõem o chamado Hipergênero dos quadrinhos, trabalhado por Alves (2018), assim como os balões, o requadro, as onomatopéias e as ilustrações que por si só permitem uma vasta variedade de estilos. Um conjunto de elementos textuais e imagéticos que colocam uma infinidade de combinações ao dispor da dupla roteirista/ilustrador, em alguns casos, o mesmo artista ocupa as duas posições.

Panofsky (2014 *apud* Alves, 2018) enumera três níveis de compreensão aplicados à leitura: no primeiro, a descrição Pré-Iconográfica, ou a capacidade de visualizar

formas visuais. No segundo nível, da Análise Iconográfica, a capacidade é a de desvendar, interpretar o significado do objeto. Por fim, no nível da Iconologia, o leitor retoma seus conhecimentos acumulados a nível histórico, social e cultural para estabelecer relações e ampliar o significado do que foi lido.

### 3.1 PERCURSO HISTÓRICO

As histórias em quadrinhos como conhecemos hoje – a união texto/imagem – tiveram sua origem na civilização europeia a partir da evolução das técnicas de reprodução gráfica. Apenas no fim do século XIX, os quadrinhos passariam a ter mais destaque popular com o auxílio do mercado jornalístico americano. Jornais americanos abriram espaço em sua sessão de passatempos e entretenimento a publicação de curtas histórias, em sua maioria humorísticas, no formato de tirinhas ou em alguns casos, histórias que ocupavam uma página inteira: como o caso do pioneiro *The Yellow Kid* no jornal *New York World*, primeiramente publicado em 1895 (Campos; Lomboglia, 1894) – Figura 2.

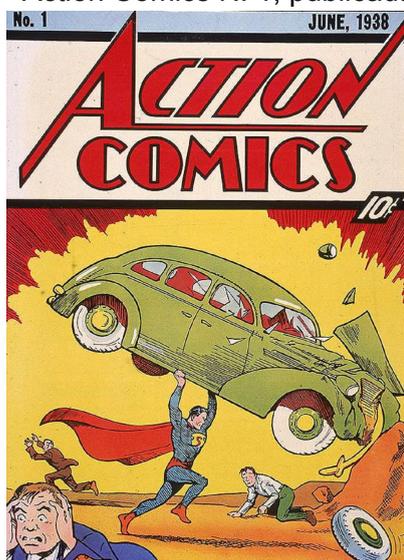


Fonte: Retirada do site Nanquim (s. d.)

Estímulos visuais de fácil compreensão eram comumente utilizados pelos criadores, e as raízes das HQs se relacionam às das caricaturas e charges, produções gráficas as quais também não compartilhavam de uma boa apreciação crítica. O senso comum em torno da HQ restringia o conteúdo destes itens às características dos meios de comunicação de massa, como o humor satírico, as cores de grande valor icônico e as histórias de baixa complexidade (McCloud, 1994).

Alguns anos depois, os quadrinistas exploraram gêneros além do humor, como a fantasia, ficção científica, terror e mitologias. A década de 1930 é considerada a idade de ouro dos quadrinhos uma vez que a mídia gradativamente deixou o estilo de arte inspirado no movimento *Art Déco* e ganhou formas inspiradas no neoclassicismo. Como descreve Campos e Lomboglia (1984, p. 12), acontecia o “advento do quadrinho realista”. Surgiram histórias policiais, de cavalaria e de faroeste, com doses de ação e suspense que agradaram muito os leitores da época. Nesse momento, aparecem clássicos como o *Flash Gordon* de Alex Raymond, o *Tarzan* de Harold Foster e, no fim da década, o *Superman* publicado pela DC Comics liderou a ascensão dos super-heróis no mercado – Figura 3.

Figura 3 – Action Comics N. 1, publicada em 1938



Fonte: Retirada do site Nerdist (2023)

Em 1939 no Brasil, foi lançada a revista infantil *Gibi* sob edição do mesmo grupo responsável pelo já estabelecido no mercado jornalístico, *O Globo* – figura 4. A revista se tornaria tão popular que o termo “gibi” mais tarde se tornou o denominador nacional das histórias em quadrinhos no formato de revistas de baixa qualidade de impressão e preço acessível.

Figura 4 – Anúncio do lançamento da revista *Gibi* no jornal *O Globo*, de 12 de abril de 1939



Fonte: Retirada do site Nanquim[b] (s. d.)

A opinião pública negativa em torno das HQs seria apoiada, em 1954, pela pseudo-ciência praticada pelo psiquiatra alemão Dr. Frederic Wertham em seu livro *A sedução do inocente*, no qual associou a leitura dos quadrinhos pelos jovens ao aumento dos índices de delinquência da época, dentre outros efeitos descritos como nefastos. Wertham, inclusive, justificou sua teoria a partir de cartas que recebeu de bibliotecários reclamando dos quadrinhos.

O livro recebeu tamanha repercussão nos Estados Unidos que Wertham tornou-se referência, ao ponto de ser convidado para integrar a subcomissão do senado americano para depor sobre delinquência juvenil. A investigação está diretamente atrelada à criação do conjunto de regras *Comic Code Authority* pela Associação Americana de Revistas em Quadrinhos (McCloud, 2006). Anos de censura sucederam-se e as editoras recuaram no final da década de 1950. Hoje, sabe-se através da investigação científica da professora e doutora em Biblioteconomia e Ciência da Informação Carol L. Tilley da Universidade de Illinois que o psiquiatra alemão modificou palavras documentadas de seus pacientes, alterou datas, distorceu citações e manipulou dados (Codespoti, 2013).

A partir de 1965, Eisner (1996) relata o movimento *underground* de quadrinistas que criaram um mercado de distribuição direta; o que se seguiu por outro importante marco: o surgimento das lojas especializadas em quadrinhos, além de sua

importância para o mercado, a iniciativa proporcionou um ponto de encontro entre leitores, artistas e editores.

### 3.2 MARCOS CULTURAIS

A indústria de quadrinhos encontrou na vertente das *graphic novels* (novelas gráficas) termo popularizado em 1978, uma nova direção ao gênero. É comum estudiosos de quadrinhos atrelar a origem das chamadas novelas gráficas a publicação de *Um contrato com Deus* (1978) de Will Eisner.

Não foi a primeira HQ a se autoproclamar uma *graphic novel*, porém é a que faria desse termo um modelo. Isso se deve ao fato de Eisner circular no ambiente dos quadrinhos autorais nos anos 1960 e 1970 por meio de tributos a seu *The Spirit* dos anos 1940 [...] Eisner queria posicionar sua HQ na estante das livrarias, para isso se utilizou de uma editora que não publicava quadrinhos e que, embora tenha falido antes de conseguir dar maior circulação a *Um contrato com Deus*, estabeleceu um formato para os quadrinhos enquanto literatura [...] Economicamente, já haviam publicações de HQs em formato livro, e, esteticamente, o próprio Eisner tinha produções anteriores semelhantes. Contudo, é a montagem que aqui nos interessa. A articulação entre economia, estética e a convergência com a literatura. (Hatfield, 2005 *apud* Vargas, 2017; p. 4)

O movimento de revitalização da HQ obedeceu uma lógica baseada na necessidade do meio refletir o conteúdo. O mercado editorial se adaptou para que o suporte físico fosse somado à proposta de vender narrativas com temáticas adultas, abordagens sofisticadas e maior exploração do potencial icônico da linguagem. Bancas de jornais e lojas especializadas passaram a exibir em suas vitrines um material encadernado, em formato de álbum e com uma qualidade de impressão superior a dos gibis (Vergueiro, 2005).

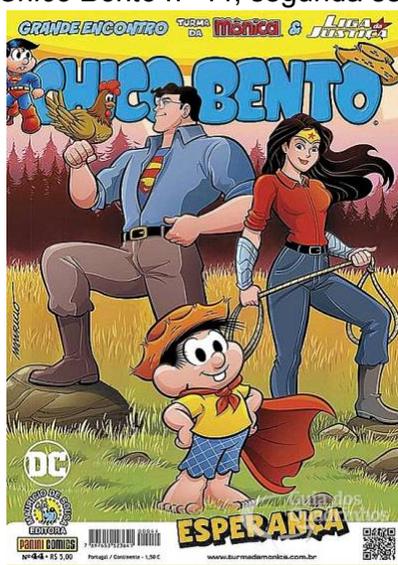
Em 1992, a *graphic novel* sobre o holocausto, *Maus*, escrita e desenhada por Art Spiegelman, se tornava a primeira a vencer o Prêmio Pulitzer, que reconhece obras marcantes de jornalismo, literatura e composição musical. No caso de *Maus*, houve uma indefinição se a obra deveria concorrer como biografia ou ficção; ao passo que Spiegelman estrutura a narrativa a partir de uma entrevista com seu pai, mas a arte recorre ao antropomorfismo para representar os personagens. A vitória veio na categoria de prêmio especial em literatura.

### 3.3 GÊNEROS E FORMATOS

Como trabalhado na retomada histórica sobre os quadrinhos, muitos foram os gêneros que despontaram no mercado. Alguns, mais bem-sucedidos que outros, mas de certa forma, todos conseguiram encontrar o seu público. Quando McCloud (2006) fala sobre os quadrinhos japoneses, os Mangás, o qual muitos consideram um gênero em si, o autor observa que dentro das publicações japonesas habita um outro universo que permite muitos gêneros: os quadrinhos de samurai e os românticos, por exemplo, ambos com seus recursos próprios e diferentes dos quadrinhos ocidentais.

Por muitos anos os super-heróis têm dominado o mercado mundial de quadrinhos, o que é perceptível até para quem não acompanha de perto os dados de vendas. O gênero saltou às telas do cinema e, na última década, Hollywood investiu em adaptações de quadrinhos de super-heróis, criando toda uma nova geração de fãs e dominando as discussões na internet sobre cultura *pop*. A engrenagem HQ de super-herói/cinema fomenta hoje toda uma indústria de comercialização de colecionáveis e eventos mercadológicos. As mais populares editoras americanas do gênero, Marvel Comics e DC Comics, no Brasil são selos dentro da editora Panini Comics, assim como a Maurício de Sousa Produções (MSP) – figura 5.

Figura 5 – *Chico Bento* nº 44, segunda série, de 2018



Fonte: Retirada do site Cultura (2021)

E dentro do gênero de super-heróis ainda existem selos que orientam as publicações para seu público alvo. Os mesmos personagens recebem tratamentos diferenciados pelos artistas para atrair desde crianças até jovens e adultos. Baseado no que fez Amarante (2021) em seu trabalho, podemos utilizar a personagem Arlequina da *DC Comics* como exemplificado na figura 6: a versão da personagem publicada sob o selo *DC Kids* recebe traços cartunescos, cores vibrantes e o foco é na personalidade divertida e “fora da caixa” da personagem. No selo padrão de quadrinhos da editora, a personagem já ganha nuances, como o relacionamento abusivo com o vilão Coringa, e seu visual, ainda estilizado, ganha características popularizadas no cinema e passíveis de reprodução nos eventos de *cosplayers*. No selo adulto da editora, *DC Black Label*, os roteiristas e artistas convidados são incumbidos de se aprofundarem na psique dos personagens, explorar traumas e contar histórias que não obedeçam a estrutura comum das histórias de super-heróis.

Figura 6 – Arlequina em publicações dos selos *DC Kids*, *DC Comics* e *DC Black Label*



Fonte: Elaborado pelo autor

Tão diversificado quanto os gêneros de quadrinhos são os formatos de publicação. Inicialmente publicados nos jornais diários ou semanais, não é raro encontrar publicações que reúnem as famosas tirinhas em antologias. O formato do gibi agrupa histórias seriadas impressas em papel frágil e de pouca durabilidade, comercializados principalmente em bancas de jornal. “Os gibis representam um mercado totalmente caótico, sem qualquer tipo de padronização em relação à numeração, uniformidade dos títulos ou continuidade” (Vergueiro, 2005, p. 6). Os álbuns/edições encadernadas, popularizadas no mercado europeu, trazem publicações em edições únicas e histórias fechadas, com maior qualidade do papel, da impressão e comercializado em livrarias.

Diferente dos álbuns, as *graphic novels* surgiram nos Estados Unidos; o formato suporta publicações únicas e também séries limitadas, exemplo: republicação em *graphic novel* reunindo as edições de um ao seis de um título originalmente seriado. As séries limitadas se dividem em minissérie e maxissérie; o *Guia oficial DC Comics para roteiros* de Dennis O'Neil (2005) caracteriza a minissérie como os títulos que possuem até seis edições, enquanto a maxissérie possuem um alto número de edições com uma história que as unifique, existe um propósito de continuidade.

## 4 QUADRINHOS: NA ACADEMIA E NA BIBLIOTECA

### 4.1 OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO

As HQs se constituem como uma fonte de informação caracterizada por uma linguagem específica que não só está atrelada ao proporcionar prazer na leitura, bem como é passível de estudo devido ao processo cognitivo de leitura dinâmica requerido. Em comparação a literatura, a fotografia e o cinema, que na segunda metade do século XX já ganhavam a atenção de pesquisadores, as HQs enfrentaram barreiras invisíveis até os primeiros estudos aparecerem: não era reconhecido seu valor artístico e acreditava-se que as obras destinavam-se apenas ao público infantil. Tais barreiras não foram inteiramente superadas, mas a partir da década de 1970, a produção acadêmica sobre quadrinhos tornou-se mais recorrente (Gentil; Callari, 2015).

No contexto acadêmico brasileiro, em 1970, o poeta e teórico das artes visuais Moacyr Cirne publicou o livro *A explosão criativa dos quadrinhos*, considerado o marco inaugural dos livros teóricos por um autor brasileiro sobre a linguagem.

A pesquisadora e professora Sônia Maria Bibe Luyten é uma das pioneiras das HQs, mais especificamente sobre as obras japonesas, no Brasil. Formada em jornalismo pela Faculdade Cásper Libero, foi a primeira a ministrar a disciplina de Editoração em Histórias em Quadrinhos no curso de Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), posto ocupado de 1972 até o início da década de 1980, quando mudou-se para o Japão. Sônia dedicou cerca de 50 anos de sua carreira aos quadrinhos, e ocupa, no presente deste trabalho, a cadeira da presidência da Comissão de Teses do Troféu HQ Mix e participa da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS).

Outro teórico brasileiro reconhecido, e importante contribuinte ao embasamento teórico que sustenta este trabalho, é Waldomiro Vergueiro. Formado em Biblioteconomia e Documentação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, onde atua como professor titular e ocupa a chefia do Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Uma considerável parcela

de sua produção científica se dedicou às potencialidades das HQs em salas de aula e bibliotecas. Vergueiro é coordenador do grupo de pesquisa interdisciplinar Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, responsável por organizar o congresso Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, o qual se iniciou em 2011 e caminha para sua 7ª edição no ano de 2023. No Brasil, outra iniciativa é a Semana Internacional de Quadrinhos (SIQ) realizada pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2016; diferente das Jornadas Internacionais da USP, a SIQ é um evento acadêmico e também voltado ao mercado, abrindo as portas para o público admirador e consumidor de quadrinhos.

Analisando a produção acadêmica sobre HQ no Brasil de 2001 a 2014, Vergueiro (2016) aponta que houve uma ampliação da pesquisa sobre quadrinhos no Brasil, sendo as áreas de Letras, Linguística e Literatura as principais áreas a debruçarem-se na temática, seguido pela Educação e Ensino e a Comunicação. O crescimento dos estudos publicados sobre quadrinhos nas Letras, Linguística e Literatura pode apontar para um progressivo reconhecimento dos quadrinhos como uma linguagem própria.

#### 4.2 COLEÇÕES DE QUADRINHOS EM BIBLIOTECAS E GIBITECAS

Vários foram os empecilhos encontrados ao longo dos anos para a efetividade da incorporação. Quanto aos profissionais encarregados com a aquisição, tratamento e organização deste material, que usualmente são bibliotecários, a problemática reside na reverberação do senso comum no fazer biblioteconômico:

Algumas vezes de maneira consciente, outras por simples inércia, os bibliotecários se recusaram a selecionar os quadrinhos para suas bibliotecas por entenderem que eles não se adequavam aos critérios de qualidade que haviam definido para seus acervos. No entanto, isto não aconteceu porque esses profissionais eram mal-intencionados: a prática bibliotecária desenvolve-se no emaranhado das relações sociais que caracterizam um determinado agrupamento humano e aqueles que atuam em serviços de informação são tão influenciados pelas idéias dominantes na sociedade quanto as pessoas a que servem. (Vergueiro, 2005, p. 4).

Souza e Toutain (2010) citam que não é incomum o profissional encarar os leitores de quadrinhos não como receptores de informação, mas como agentes passivos no

processo de comunicação de massa. O que vai em direção à visão reducionista de muitas bibliotecas públicas considerarem os usuários de coleções de quadrinhos, crianças e estudantes de primeiro e segundo grau. A associação dos quadrinhos ao público infantil também se deve a uma confusão comum da mídia com um de seus gêneros possíveis: as histórias de super-heróis (Batista, 2010).

A abordagem aplicada à incorporação das HQs foi calcada em um tratamento diferenciado que ia na contramão do incentivo cultural e da produção de conhecimento ao promover:

[...] a não incorporação definitiva ao acervo, o descarte generalizado e a despreocupação com o estabelecimento de critérios de seleção [...] A pior situação ocorre quando, em uma evidente demonstração de ignorância e preconceito, as histórias em quadrinhos são utilizadas pelos profissionais de informação como um chamariz para a leitura de livros, uma espécie de concessão dos profissionais a uma leitura menor... (Vergueiro, 2005, p. 4).

Um avanço importante no Brasil foi o fato das HQs, em 2006, passarem a fazer parte do acervo das bibliotecas escolares através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Em 2010, 30 HQs constavam na lista de obras selecionadas; inclusive, a compra de livros pelo governo reverberou no mercado editorial (Gentil; Callari, 2015).

No âmbito das bibliotecas públicas no início da década de 1980, o surgimento de espaços voltados a estimular a leitura dos quadrinhos insere-se como uma contrapartida; agora propondo considerar os quadrinhos como integrantes de uma coleção especial, os espaços ganham o título de “gibitecas”. A primeira iniciativa brasileira foi a Gibiteca de Curitiba, criada por um grupo de amantes de quadrinhos. (Vergueiro, 2004).

Em 1991, inaugurou-se a primeira gibiteca brasileira dentro de um serviço de biblioteca pública e a partir de uma iniciativa governamental: a Gibiteca Henfil da Fundação do Espaço Cultural (FUNESC) de São Paulo. O acervo da Gibiteca Henfil é o maior do país, com mais de 100.000 itens (Santos, 2017).

## 5 RESULTADOS

### 5.1 ESTUDOS DE CASO

#### 5.1.1 BIBLIOTECA DO CENTRO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

O Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) da Universidade de São Paulo (USP) celebrou em 2020 seus 40 anos. O CDCC está instalado em um prédio histórico datado de 1908 no centro da cidade de São Carlos, adquirido apenas em 1985 pela USP. O objetivo da iniciativa é aproximar o público externo à produção científica e cultural acadêmica através de serviços voltados à professores, estudantes e munícipes em geral.

O estudo de Lopes, Marques e Freitas (2014) sobre a percepção pública dos munícipes de São Carlos identificou que a maior parte da amostra (64%) conhece o CDCC, porém, a probabilidade de as pessoas conhecerem cresce com o aumento da renda e para níveis de escolaridade mais elevados.

O CDCC oferta cursos para professores do ensino fundamental e médio, auxiliando também o ensino das ciências naturais e matemática a partir do empréstimo de *kits* da Experimentoteca, iniciativa da qual mais existem trabalhos acadêmicos relacionados. No ano de 2021, um ano pandêmico e atípico para a educação básica e superior, 6.699 estudantes fizeram uso dos materiais didáticos do CDCC e registrou-se 4.479 empréstimos de Kits da Experimentoteca (CDCC/USP, 2021).

Outros serviços incluem a sala de informática com acesso à internet, instalações interativas no espaço externo e a Biblioteca, criada em 1982. Formada por um salão principal e um espaço lúdico, a equipe da Biblioteca do CDCC orienta estudantes em suas pesquisas e auxilia na normalização técnica.

Na primeira fase da pesquisa de Lamon (2010), foi identificado que o principal público da biblioteca são usuários do sexo feminino (60% da amostra), estudantes do ensino fundamental (30%) e médio (26%) de instituições públicas de São Carlos e região. A pesquisa escolar é o principal motivo pelo qual os usuários utilizam os

espaços e serviços. O panorama pode ser expandido para o perfil do público do CDD em geral:

[...] apesar do Centro ser conhecido e reconhecido na cidade, uma boa parte da população ainda não se encontra atendida por ele, e acreditamos que isso se dá pela organização deste espaço como complementar à formação escolar e acadêmica, parecendo esquecer-se da potencialidade que possui no diálogo com um amplo público. Uma vez que a criação de um vínculo entre a universidade e a comunidade é um dos objetivos a que o CDCC se dedica, novas estratégias de adequação das exposições e programação em geral devem ser pensadas de modo a integrar o público adulto e leigo de maneira mais envolvente e frequente, contribuindo para uma maior democratização do conhecimento científico. (Lopes; Marques; Freitas, 2014, p.10)

O acervo da Biblioteca reúne livros infanto-juvenis, literatura para vestibulandos, revistas e jornais, audiolivros e histórias em quadrinhos, como mostrado na figura 7. A partir do questionário enviado à chefe de seção de Biblioteca do CDCC e Mestre em Ciência da Informação, identificou-se que as histórias em quadrinhos são pensadas como um acervo à parte. São cerca de 190 itens dispostos em estantes baixas confeccionadas considerando as particularidades físicas do material, bem como o formato de publicação seriada que resulta em vários volumes.

Figura 7 – Espaço físico da Biblioteca do Centro de Divulgação Científica e Cultural



Fonte: Retirada do site Tour Virtual CDCC 40 anos (2023)

O acervo foi formado majoritariamente a partir da modalidade de compra e cresce anualmente conforme diretrizes de aquisição, embora não exista uma verba específica destinada especificamente às histórias em quadrinhos. As doações de itens pela comunidade são aceitas mediante avaliação do estado de conservação física do material.

Fotografia 8 – História em quadrinhos disponível na Biblioteca do Centro de Divulgação Científica e Cultural



Fonte: Retirada das Redes Sociais do CDCC (2023)

O processamento técnico dos quadrinhos se resume ao carimbo de identificação da unidade (fotografia 8) e etiquetas anti-furto. O acervo não está cadastrado em catálogo online ou manual, muito embora os itens possam ser emprestados aos usuários a partir de um controle mais simples e tradicional das bibliotecas. Quanto à percepção da profissional fonte das informações aqui trazidas, descreveu-se uma baixa demanda pelas histórias em quadrinhos na unidade.

### 5.1.2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SÃO CARLOS

Aprovado pelo Decreto nº 260/2006, o atual Estatuto da Fundação Educacional São Carlos (FESC) estabelece sua finalidade de criar, organizar, instalar e manter estabelecimentos e programas de ensino em todos os graus e ramos do saber, também da divulgação científica, técnica e cultural. Sua sede está localizada na Vila Nery no município de São Carlos e a dotação orçamentária é consignada anualmente no orçamento da Prefeitura Municipal de São Carlos. O Campus 2, localizado na Vila Prado, engloba a Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) com atividades em cursos regulares e oficinas.

Criada em 2001 pelo Conselho Diretor da Fundação, a Biblioteca Comunitária da FESC atende estudantes e professores da UATI, servidores públicos municipais, funcionários da FESC e a população de São Carlos em geral. A equipe é formada por duas bibliotecárias, uma delas, bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos e respondente do questionário que coletou as informações trazidas a seguir.

O acervo da Biblioteca da FESC é composto por aproximadamente seis mil itens que incluem clássicos da literatura, livros técnicos sobre as disciplinas ofertadas pela Fundação, literatura religiosa e cerca de 300 itens que formam o acervo de histórias em quadrinhos. Na prática, os itens são parte do acervo geral sob a Classificação Decimal de Dewey (CDD) 741.5 – Caricaturas, desenho animado, cômico, fotonovelas e histórias em quadrinhos. Os itens são dispostos ao lado da Brinquedoteca, espaço voltado ao público infantil, na Gibiteca: um espaço com cerca de 4 m<sup>2</sup> com um expositor de revistas destinado aos gibis, uma mesa com mangás empilhados conforme a numeração dos volumes de lançamento e um *puff* grande – fotografia 9.

Fotografia 9 – Espaço das HQs na Biblioteca da Fundação Educacional de São Carlos



Fonte: Acervo pessoal.

Todos os 300 quadrinhos foram doados em março de 2022 por um único usuário da biblioteca. A partir desta doação, o acervo continua o mesmo – fotografia 10. O usuário que demonstra interesse em doar sua coleção assina um Termo de Doação, no qual passa a autonomia pela destinação dos materiais à biblioteca. Quadrinhos duplicados são repassados a outras instituições e aqueles que não estejam em um bom estado de conservação, são encaminhados para a reciclagem.

Fotografia 10 – Histórias em quadrinhos disponíveis na Fundação Educacional de São Carlos



Fonte: Acervo pessoal.

A Fundação Educacional tem um orçamento próprio e a compra de itens é liberada ao longo do ano. Assim como os livros que integram o acervo geral, as histórias em quadrinhos são catalogadas no sistema interno da biblioteca. Não há um catálogo online, apenas visitando a biblioteca é possível recuperá-los. e não existem medidas antifurto. Os usuários podem emprestar até dois itens por vez, pelo período de uma semana. Relatou-se alta procura pelos quadrinhos: enquanto o público infantil busca pelos super-heróis, o público adolescente prefere os mangás.

### 5.1.3 BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL AMADEU AMARAL

O Sistema Integrado de Bibliotecas de São Carlos é formado por 12 bibliotecas, sendo 3 bibliotecas públicas, 2 municipais e 1 distrital, 8 Escolas do Futuro e 1 biblioteca especializada. A Biblioteca Pública Municipal Amadeu Amaral foi oficializada em 1973 pela Lei Municipal nº 7265/1973, entretanto, sua origem se deu muito antes: no fim da década de 1930, originou-se a partir de doações regulares do Instituto Nacional do Livro (INL) e por anos se ateuve a uma sala da Prefeitura Municipal, que já atendia usuários e realiza empréstimos (Mey *et al*, 2007).

A Biblioteca Amadeu Amaral tem em seu histórico repetidas mudanças de endereço para locais inadequados, inclusive, nunca tendo ocupado um prédio próprio projetado para sua finalidade:

Nota-se, portanto, que a Biblioteca Pública Municipal de São Carlos, cidade tida como pólo cultural e universitário, foi criada muito mais por decisões de ordem externa à cultura e ao livro – no caso, o governo ditatorial do país que remetia livros para as municipalidades – do que por vontade política de sua classe diretiva local. As provas disso são a constante falta de um local adequado para sua instalação, as mudanças, a ausência de uma política de ampliação de acervo e o descaso com que foi historicamente tratada a questão do pessoal técnico, principalmente, os bibliotecários, que inexistiram, durante muitos anos, na instituição. (Mey *et al*, 2007, p. 5)

Desde 2017, a Biblioteca está instalada no Jardim São Carlos, prédio que já abrigou a Piscina Municipal e a Pinacoteca Municipal.

A coleção de quadrinhos da Biblioteca Amadeu Amaral – fotografia 11 – é formada por cerca de 100 itens dispostos em uma estante com expositor e com prateleira, separando gibis e mangás. Os materiais são encarados como uma coleção separada do acervo geral e se constituiu principalmente a partir de doações. O estado físico dos materiais é avaliado para determinar o aceite das doações, bem como se o conteúdo temático é pertinente ao público infanto-juvenil.

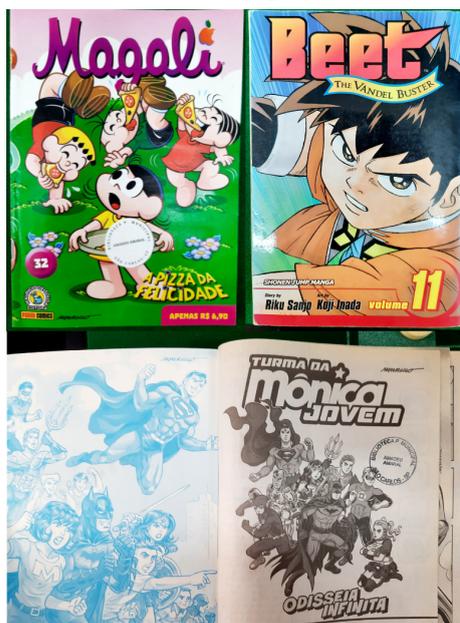
Fotografia 11 – Espaço das HQs na Biblioteca Pública Municipal Amadeu Amaral



Fonte: Acervo pessoal.

A coleção cresce de acordo com o recebimento de novos itens fruto da assinatura vigente e também de acordo com o critério de seleção definido pelo bibliotecário de aquisição do SIBISC, como relatou-se. Os itens podem ser lidos na biblioteca ou emprestados, embora o processamento técnico envolva apenas o recebimento da etiqueta e carimbo de identificação da biblioteca – fotografia 12. Não é possível recuperá-los em catálogo automatizado ou manual.

Fotografia 12 – Histórias em quadrinhos disponíveis na Biblioteca Pública Municipal Amadeu Amaral



Fonte: Acervo pessoal.

Quanto à percepção da bibliotecária sobre a demanda e procura dos usuários pelas histórias em quadrinhos, relatou-se haver um interesse conforme a renovação de novos títulos, pois a falta de novidades na coleção faz com que os usuários interessados logo esgotem as opções de leitura.

#### 5.1.4 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Inaugurada em 1994, a Biblioteca Comunitária (BCo) da Universidade Federal de São Carlos está situada em um complexo com área total de 9 mil metros quadrados, dividindo espaço com auditórios e com o Teatro Florestan Fernandes. Tendo desde seu projeto de criação o objetivo de atender um grupo amplo de usuários, o reitor da Universidade na época, Prof. Dr. Newton Lima Neto, apontou que o projeto era

pioneiro no país ao aproximar grupos de usuários, sendo um espaço para troca de informações e intercâmbio educacional, científico e cultural.

A BCo UFSCar, assim como a Biblioteca Amadeu Amaral, integra o Sistema Integrado de Bibliotecas de São Carlos; internamente se subdivide nos seguintes departamentos: Secretaria Executiva BCo, Departamento de Processamento Técnico (DePT), Departamento de Referência (DeRef) e Departamento de Ação Cultural (DeAC).

O regulamento da biblioteca aprovado em 2017 delimita seus usuários para os discentes, docentes e servidores da UFSCar, bem como toda a população de São Carlos. Aproximar esses públicos e suas culturas é atribuição do Departamento de Ação Cultural (DeAC). Dentre as atividades promovidas pelo Departamento no ano de 2019, inclui-se exposições, encontros, eventos de lançamento e conscientização (Setembro Amarelo e Outubro Rosa). Ao menos 4.092 pessoas presenciaram as exposições organizadas, embora estima-se que esse público representa apenas uma fração do real público que não registrou presença no livro de assinaturas.

A Biblioteca Infantil e o Acervo em Quadrinhos e Mangás (Gibiteca) são parte das atribuições do DeAC, no qual quem ocupa a posição de chefia é um profissional pedagogo, que também foi uma das fontes de informação aqui trazidas. Pajeú et al (2007) registraram na realização de seu trabalho há mais de 10 anos que o Acervo de HQs e Mangás da BCo possuía de 900 a 1.000 gibis dispostos em um espaço de aproximadamente 40 m<sup>2</sup>.

A BCo não possui um número concreto sobre quantos itens integravam a coleção até o momento do estudo de caso, portanto, foi necessário utilizar métodos para estimá-los considerando a quantidade de itens por fileira x quantidade de fileiras por estantes x quantidade de estantes. Chegou-se ao número estimado de 416 itens alocados no Espaço de Convivência e 1.216 itens no piso 2, totalizando 1.632 itens.

As doações são constantes e a coleção é dividida em três espaços: o 1º sendo no Espaço de Convivência no piso 1, o 2º está localizado no piso 2, ao lado do DeAC, e o 3º, também no piso 2, fica na Biblioteca Infantil da BCo. Uma parte da coleção encontra-se armazenada em um depósito cedido pela Prefeitura Universitária da UFSCar.

Doações de materiais para a coleção são aceitos desde que os materiais estejam em boas condições físicas, sendo este o único critério adotado. Não é considerado o conteúdo temático ou o grau de compatibilidade do material para com os públicos dos espaços da gibiteca. A divisão dos quadrinhos ao espaço mais adequado a seu público acontece após o aceite dos materiais doados e pode ser assumida como um tipo simplificado de classificação – preceito de agrupar por semelhança e separar por diferença. Alguns itens recebem, além do carimbo de item da Gibiteca, adesivo com o nome do doador – fotografia 13.

Fotografia 13 – Histórias em quadrinhos disponíveis no Acervo de HQs e Mangás (Gibiteca) da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal da UFSCar



Fonte: Acervo pessoal.

Os quadrinhos são divididos no espaço da Biblioteca de acordo com a faixa etária do público: os infantis são reservados no espaço da Biblioteca Infantil e os materiais infantojuvenis e adultos ficam nos espaços do piso 1 e 2. A coleção da gibiteca alocada no Espaço de Convivência do piso 1 é disposta em treze estantes, cada uma com quatro repartições do tipo expositor, que contornam o ambiente aberto e composto por TV, tapete, poltronas e puffs – fotografia 14. O local é utilizado pelos estudantes para descanso e lazer durante os intervalos das atividades acadêmicas, o horário de mais movimento no espaço é durante o intervalo das atividades acadêmicas para o almoço.

Fotografia 14 – Espaço das HQs no Espaço de Convivência da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos



Fonte: Acervo pessoal.

O espaço da Gibiteca no piso 2 é retangular, uma sala semi-fechada e mede cerca de 8 m<sup>2</sup>. Quatro prateleiras à esquerda e quatro prateleiras à direita, cada uma com cinco repartições. No centro da sala estão duas prateleiras baixas com quatro repartições cada. É um espaço definido como mais intimista e reservado – fotografia 15.

Fotografia 15 – Espaço das HQs no piso 2 da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos



Fonte: Acervo pessoal.

Quando publicado o trabalho de Pajeú et al (2007), formados em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela UFSCar, a gibiteca ainda não tinha parte de sua coleção alocada no espaço de convivência. O espaço anteriormente era dedicado a exposições artísticas. A decisão de ampliar a gibiteca a um espaço secundário foi

embasada sobretudo na grande quantidade de materiais guardados no depósito, sem utilização. Inclusive, o chefe do DeAC estimou que a quantidade de itens remanescentes no depósito preencheria mais dois espaços com dimensões parecidas.

Quanto ao controle da informação, a formação do chefe do DeAC é em Pedagogia e ele admitiu não ter conhecimentos das técnicas bibliotecárias para organização e recuperação da informação. Os materiais não são classificados, catalogados e organizados na estante de acordo com metodologias indicadas nas literatura. Os quadrinhos da gibiteca só podem ser consultados internamente, não podem ser emprestados ou recuperados no catálogo online da biblioteca no sistema *Pergamum*.

Embora não haja uma preparação para fins de recuperação, não são todos os quadrinhos que estão isentos de um processamento técnico. O chefe do DeAC informou instruir os estagiários da unidade a colocar fichas magnéticas anti-furto nos materiais de capa dura, prática a qual é um procedimento padrão no processamento dos itens do acervo geral. Para os quadrinhos de formato físico mais simples e julgados de “menor valor” (valor empregado aqui no sentido de “valor financeiro”) não existem medidas anti-furto.

Figura 16: *Print Screen* do sistema Pergamum, catálogo online da Sistema Integrado de Bibliotecas UFSCar

Dados do acervo - Livros	
<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <span> Curtir 0</span> <span> Tweetar</span> </div>	
ISBN	ISBN 978-85-6034-796-4
Número de chamada	G 741.5 M821p Biblioteca Comunitária
Autor	Moore, Alan, 1953- <a href="#">Detalhes</a>
Título	Promethea : livro 1 / Alan Moore
Publicação	Rio de Janeiro : Pixel Media, 2008.
Descrição física	s.p.
Assunto	Histórias em quadrinhos <a href="#">Detalhes</a>

Fonte: De autoria própria

Há também quadrinhos que integram o acervo geral da biblioteca. São catalogados e podem ser consultados no sistema Pergamum – figura 16 – e emprestados normalmente. Estas obras são classificadas de acordo com o sistema de

classificação Dewey Decimal Classification (Classificação Decimal de Dewey, ou CDD) e são alocadas no piso 3 da biblioteca – fotografia 17.

Fotografia 17: HQ do Acervo Geral da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal da UFSCar



Legenda: Na fotografia superior à esquerda, *A Liga Extraordinária Vol. 1* de Alan Moore na prateleira do Acervo Geral; na fotografia superior central, etiqueta com notação de classificação do item; na fotografia superior à direita, capa do item. E na fotografia inferior, páginas da HQ.

Fonte: Acervo pessoal.

Antes da entrevista, identificou-se por e-mail com a diretoria da biblioteca que o critério para decidir se o item irá integrar o acervo geral ou o acervo de HQs e mangás é a presença do *International Standard Book Number* (ISBN). Na teoria, as HQs com ISBN vão para o acervo geral e as que não tem, vão para os espaços da gibiteca. Porém, na entrevista com o chefe do DeAC, identificou-se um desalinhamento no procedimento. O entrevistado afirmou desconhecer que HQs também compõem o acervo geral. Posteriormente, em análise aos itens da gibiteca (piso 2), identificou-se a presença de itens com ISBN, os quais, segundo o procedimento antes informado, deveriam compor o acervo geral e, assim, serem passíveis de empréstimo – fotografia 18.

Fotografia 18: Item com ISBN no Acervo de HQs e Mangás (Gibiteca) da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal da UFSCar



Fonte: Acervo pessoal.

Foi identificado que a biblioteca e o DeAC são abertos a contribuições da comunidade e as encorajam; um usuário graduando e desenhista costuma ajudar na classificação dos materiais armazenados no depósito externo, classificação que, como pontuou o chefe do departamento, não obedece a teorias da Biblioteconomia, mas sim ao seu próprio conhecimento das características desse tipo de material. A formação de redes de pessoas e o engajamento de seus participantes não é algo novo na literatura sobre gibitecas, como aponta Molina (2005) *apud* Marino (2015):

[...] a peculiaridade das redes sociais formadas em torno das histórias em quadrinhos une, simultaneamente, outras redes de pessoas e de organizações, pela mobilização de indivíduos de diferentes etnias, níveis sociais, gêneros, capital social e intelectual. (Marino, 2015, p. 7)

Outra contribuição que veio da comunidade apreciadora de quadrinhos foi na idealização do evento *ComicSanca*. O evento anual partiu da iniciativa de um cartunista da região que fez contato com a diretoria da Biblioteca e com os ilustradores e quadrinistas que ofereceram minicursos gratuitos à comunidade, sendo que o evento também foi ponto de divulgação e venda de seus trabalhos.

## 5.2 ANÁLISE COMPARATIVA COM O CENÁRIO NACIONAL

Uma análise geral sobre a inserção das histórias em quadrinhos em bibliotecas permite dois caminhos metodológicos: analisar a inserção sob o espectro da

formação de coleções ou analisar como um dos serviços oferecidos pela biblioteca, uma vez que, como descrito no estudo de caso das amostragens de São Carlos, a maioria das bibliotecas pensam as HQs como uma coleção à parte; e mesmo quando os itens são incorporados ao acervo geral, excepcionalmente no caso da Biblioteca da FESC, ainda se reserva um espaço pensado especificamente para recebê-los.

A extensão das coleções de HQs das bibliotecas varia. A BCo UFSCar lidera com estimados 1.632 gibis e mangás integrando os espaços da Gibiteca, fora os itens do acervo geral. A coleção da Biblioteca da FESC é composta por 300 itens, seguida por 190 itens da Biblioteca do CDCC e aproximadamente 100 itens da Biblioteca Amadeu Amaral.

Todas as bibliotecas recebem doações, mas o critério para o aceite diferencia-se: para a BCo UFSCar e Biblioteca do CDCC o critério é o estado físico de conservação dos materiais; a biblioteca Amadeu Amaral vai além do estado físico, fazendo também uma análise do conteúdo, se são apropriados para o público infanto-juvenil. Tais práticas vão em direção às tendências nacionais apontadas por Batista (2010):

[...] quando alguma obra se encontra bastante danificada, é comum que a mesma seja descartada ao invés de restaurada; sua aquisição regular raramente se dá através de compra, sendo incorporados ao acervo apenas quando oferecidos em doação; enfrentam total despreocupação e desconhecimento com o estabelecimento de critérios objetivos para sua seleção, sendo que todos os produtos quadrinistas são considerados essencialmente iguais entre si pelos bibliotecários. (Batista, 2010, p. 9)

A Biblioteca da FESC possui uma política institucional que os permite fazer a destinação que julgarem adequada aos materiais doados, podendo estes serem integrados ao acervo, doados a outra instituição ou descartados. A Biblioteca Amadeu Amaral é a única biblioteca da amostra que possui recursos próprios destinados à aquisição de novos quadrinhos, o que se materializa a partir de uma assinatura mensal de recebimento de novos quadrinhos — sendo inclusive esta renovação de títulos o fator apontado como principal para manter o interesse dos usuários na coleção de HQs.

A Biblioteca da FESC, do CDCC e da UFSCar também têm orçamento destinado à etapa de aquisição no desenvolvimento de coleções, entretanto, os quadrinhos não são contemplados com uma verba específica, cabendo aos profissionais responsáveis decidirem se existe ou não a necessidade de novos itens integrarem a coleção. O caso da BCo UFSCar é particular pois os quadrinhos integram tanto o acervo geral (que é expandido a partir de políticas de aquisição) quanto a Gibiteca, que cresce apenas conforme doações.

Parasuraman, Zeithaml e Berry (1988) *apud* Gama e Mattos (2013) auxilia-nos a aprofundar as características básicas de serviços: são simultâneos, produzidos e consumidos ao mesmo tempo; intangíveis, não são um produto físico, embora possam envolver um; e heterogêneos — não passíveis de execução totalmente padronizada. Logo, percebe-se que os serviços ofertados por uma biblioteca se enquadram nesta perspectiva.

Métodos como o SERVQUAL e o LibQUAL+®, tendo o último derivado do primeiro, têm encontrado seu espaço na literatura da vertente de avaliação de serviços de informação. O método LibQUAL+® foi aplicado em várias bibliotecas ao redor do mundo, provendo o aperfeiçoamento dos serviços e do método em si. O princípio básico do método LibQUAL+® é o de identificar e mensurar o gap (lacuna) que existe, do ponto de vista do usuário, entre a realidade que experimenta no uso dos produtos e serviços, e a expectativa “ideal” que tem destes. A identificação de gaps perpassa três pilares das bibliotecas, sendo eles: o atendimento (valor afetivo), o controle de informação (organização e recursos de busca) e biblioteca como lugar (infraestrutura) (Pinto; Furnival, 2016). Será recorrido aos pilares para guiar a continuação da análise comparativa.

No pilar de atendimento, da amostra de São Carlos, todas bibliotecas possuem bibliotecários formados em suas equipes, entretanto, na BCo UFSCar a Gibiteca está vinculada ao Departamento de Ação Cultural, chefiado por um profissional pedagogo. Quanto ao pilar da biblioteca como lugar, todas estruturam-se de forma similar ao reservar um espaço específico para os quadrinhos. Na maioria dos casos analisados, os espaços obedecem uma lógica diferenciada do restante da coleção: por exemplo, recorre-se mais a expositores do que prateleiras, e distinto da coleção geral, os espaços tendem a ser compostos por puffs e elementos visuais chamativos

como pôsteres. Com exceção da BCo UFSCar, o espaço dedicado às HQs é reduzido — o que, cabe a ressalva, é justificável pelo fato destas bibliotecas também possuírem coleções reduzidas comparadas a da UFSCar.

Quanto ao pilar do controle da informação, Batista (2010) destaca que a nível nacional é o fator do qual as bibliotecas mais encontram entraves, inclusive nas bibliotecas onde existem as iniciativas das gibitecas, o que em muitas instituições representa uma desculpa para acumular itens que servirão para consulta interna e composição do espaço, sem grande preocupação ou dedicação em pensar formas efetivas de classificação, catalogação e indexação de termos destes materiais. A problemática está enraizada na falta de literatura especializada sobre o assunto:

[...] A Biblioteconomia e os profissionais da área têm se furtado por tempo demais em responder essas questões. Essa falta de empenho tem seus reflexos na literatura da área, na produção acadêmica e nos livros técnicos e teóricos, onde nada, ou quase nada, é encontrado. Ademais, quando se encontra alguma literatura a respeito, a grande maioria é apenas a repetição de velhos chavões e ideias pré-concebidas. Falta ao profissional se debruçar verdadeiramente e sem preconceito, reservando às histórias em quadrinhos o mesmo tratamento dedicado aos diversos suportes de informação existentes. A fundamentação teórica deveria ser o primeiro passo a ser tomado por parte dos bibliotecários na tentativa de corrigir o desleixo histórico em que foram relegadas as histórias em quadrinhos durante décadas. (Batista, 2010, p. 38)

O empréstimo domiciliar de histórias em quadrinhos não é uma realidade comum no cenário nacional, o que vai na direção oposta ao observado nas amostras: a Biblioteca da FESC oferece o empréstimo e realiza a classificação e a catalogação dos itens no sistema da biblioteca. A Biblioteca do CDCC e a Biblioteca Amadeu Amaral, embora permitam o empréstimo dos itens aos usuários, não os têm classificados, indexados ou catalogados, permitindo inferir que o controle de empréstimo é realizado de forma simplificada fugindo do padrão do acervo geral. No caso dos itens da Gibiteca da BCo UFSCar, além de não realizar procedimentos técnicos para além de medidas anti-furto, a consulta aos quadrinhos fica restrita às dependências da Biblioteca.

Importante notar que não existe relação direta entre o tamanho da coleção com o tratamento empregado aos itens. Isto é, mesmo a BCo UFSCar tendo uma coleção consideravelmente maior que das outras bibliotecas, o que pode significar uma procura e interesse também maior pela comunidade, não é materializado a partir de

um processamento mais cuidadoso. Batista (2010) critica a decisão de encarar coleções de HQs como materiais de referência e lista alguns fatores que podem estar por trás da decisão de manter os quadrinhos restritos à consulta interna:

[...] a visão de que HQs são apenas um conjunto de desenhos e balões que podem ser lidos rapidamente no local, sem a necessidade de uma apreciação complexa; [...] ao fato do material ser destinado apenas às crianças, que não podem efetuar empréstimos; ao caráter provisório e descartável dado ao acervo em quadrinhos. (Batista, 2010, p. 51)

Como trazido ao longo deste trabalho, reservar os quadrinhos para consulta interna e composição espacial recorrentemente é uma saída para as instituições evitarem dedicar esforços ao tratamento informacional dos itens, entretanto, em alguns casos, principalmente em coleções formadas principalmente por *gibis* ao invés de *graphic novels*, a decisão também é tomada considerando a preservação física.

Rubi, Costa e Kawaguchi (2018) detalham a experiência adquirida no *campus* de Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos, que classificou, catalogou (inclusive com reprodução fotográfica das capas no catálogo online *Pergamum*) e indexou mais de 5.000 itens doados à biblioteca por um único doador. O processo durou cerca de 4 anos e resultou na criação de uma Coleção Especial dentro da Biblioteca Universitária (B-So). Os itens foram acondicionados em envelopes com papel pH neutro para preservação e não é possível realizar o empréstimo domiciliar.

## 5 CONCLUSÃO

O impulso inicial de analisar as particularidades da inserção das HQs nas bibliotecas de São Carlos surgiu pelo histórico da cidade com o curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A partir de uma análise comparativa do contexto de quatro bibliotecas da cidade com o cenário nacional, percebeu-se não existir um *gap* considerável entre a realidade dos cenários.

Cabe reiterar a existência de trabalhos que apontam um caminho para a mudança: no caso da BCo UFSCar, como já mencionado, existe um trabalho de ex-graduandos que pensaram um novo modelo de classificação para as HQs da unidade. Também identificou-se no estudo de caso que a contribuição de graduandos na organização do acervo e de eventos relacionados é comum e bem aceita pela Biblioteca. É conhecido, pelo menos por uma parcela da comunidade acadêmica da cidade, que os materiais não estão sendo aproveitados em seu potencial total, e os primeiros passos para deixar o *status quo* foram dados.

Os estudos de caso das quatro bibliotecas selecionadas permitiram perceber que as unidades informacionais têm se tornado cada vez mais dinâmicas em seus objetivos e tipologias: em muitas delas procura-se atender diversos perfis e necessidades, que vão desde o público infantil escolar, até pesquisadores e leitores casuais da comunidade. Em algumas, prevalece a interação com um grupo comparado ao outro; ainda assim, o desafio destas unidades é o de promover o acesso à informação a nível macro, cumprir suas missões institucionais implica recorrer a metodologias consolidadas na literatura.

Metodologias de Avaliação de Serviços, dentro do campo dos Estudo de Usos e Usuários, são um caminho possível para que as bibliotecas visualizem qual usuário ela já atende com sua coleção de quadrinhos, quais são suas demandas e se estas demandas estão sendo supridas pela atual coleção e como ela é informacionalmente tratada. O profissional, embora seja formado e capacitado para gerenciar os processos e acervo da unidade, não pode abrir mão de constantemente atualizar-se para não ficar refém da prática de inferência sobre as necessidades de sua biblioteca e seus usuários. Também é notória a necessidade dos profissionais

conhecerem a nona arte, sua linguagem e formatos para entender e aplicar métodos eficazes de seleção, aquisição, processamento técnico e gestão.

À nível nacional, nas últimas décadas, com adaptações cinematográficas dominando as discussões sobre cultura *pop* e trabalhos acadêmicos sobre HQs tornando-se mais recorrentes, ocorreram avanços na inserção dos quadrinhos em bibliotecas e estes avanços puderam ser observados no contexto de São Carlos. As adaptações auxiliaram na popularização e surgimento da demanda de novos usuários, e os trabalhos acadêmicos comprovaram que a linguagem tem um valor além do entretenimento. O próximo passo envolve a busca pelo apoio institucional aos quadrinhos, apoio este que vem através de verbas de aquisição próprias, políticas consistentes e profissionais treinados.

O presente trabalho evidencia a realidade de que os entusiastas sobre quadrinhos são essenciais para que os materiais continuem ocupando espaços importantes no eixo da cultura e produção de conhecimento. Vimos exemplos de coleções formadas inteiramente (ou quase) por doações de colecionadores, vimos exemplos de eventos que contam com a colaboração ou se iniciaram a partir de membros da comunidade. Toda colaboração deve ser incentivada, entretanto, a iniciativa e dedicação pessoal dos entusiastas não deve continuar sendo uma condicionante para as HQs estarem nas bibliotecas.

Espera-se que a contribuição deste trabalho resida na possibilidade do bibliotecário vislumbrar um panorama geral dos desafios para uma efetiva incorporação de quadrinhos em unidades de informação, incentivando a aprofundar-se na temática e levar seu conhecimento a prática.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Vanessa da Silva. **Histórias em quadrinhos**: a imagem diante do leitor e a apreensão do significado. *Literartes*, [S. l.], v. 1, n. 8, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/139925>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- AMARANTE, Raylson. **Histórias em quadrinhos na biblioteca**. TCC (Graduação) - Universidade Federal do Amazonas. Amazona, p. 55, 2021.
- BATISTA, Yuri Guimarães Barquette. **Histórias em quadrinhos na biblioteca pública brasileira**: Uma mudança de paradigma. Monografia (Pós-graduação em Biblioteconomia) - Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Jacarepaguá, p. 58, 2010.
- BIBLIOTECA COMUNITÁRIA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Relatório de atividades BCo 2019**. Disponível em: <https://www.bco.ufscar.br/arquivos/2019-anual-bco.pdf> Acesso em: 28 mai. 2023.
- CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: Uma manifestação de arte. In: LUYTEN, Sonia Maria Bibe (Org). **Histórias em quadrinhos: Leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- CDCC/USP – CENTRO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL. **CDCC em números**, 2021. Disponível em <http://www.cdcc.usp.br>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- CODESPOTI, Sérgio. **Fredric Wertham manipulou dados do livro Sedução do Inocente**. Universo HQ, 2013. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/fredric-wertham-manipulou-dados-do-livro-seducao-do-inocente/>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- CULTURA. **Chico Bento, 60 anos! Seis edições para lembrar o personagem**. 2021. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/colunas/habitodequadrinhos/63\\_chico-bento-60-anos-seis-edicoes-p-ara-lembrar-o-personagem.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/colunas/habitodequadrinhos/63_chico-bento-60-anos-seis-edicoes-p-ara-lembrar-o-personagem.html). Acesso em: 23 jun. 2023.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 1996.
- FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SÃO CARLOS. **Biblioteca Comunitária**. Disponível em: <https://fesc.com.br/biblioteca-comunitaria>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- GAMA, Merabe Carvalho Ferreira da; MATTOS, Carlos André Corrêa de. Qualidade percebida em serviços de bibliotecas: uma avaliação sob a ótica do cliente. **Anais Documento e Ciência da Informação**, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1641>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- GENTIL, Karoline Kunieda; CALLARI, Victor. A produção acadêmica sobre Histórias em Quadrinhos nas universidades estaduais e federais brasileiras: uma análise de 1972 a 2013. **3as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo. V. I. p. 228-228. 2015. Disponível em: [https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais3asjornadas/artigo\\_080620152101332.pdf](https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais3asjornadas/artigo_080620152101332.pdf). Acesso em: 23 jun. 2023.
- HATFIELD, Charles. **Alternative comics**: an emerging literature. Jackson: University Of Mississippi, 2005.
- LAMON, Silvelene Pegoraro et al. Formação do pesquisador juvenil: adequação do atendimento da biblioteca do CDCC da USP. Rio de Janeiro, **Anais UFRJ/SIBi CRUESP**, 2010. Disponível em:

[http://repositorio.febab.libertar.org/files/original/48/5612/SNBU2010\\_226.pdf](http://repositorio.febab.libertar.org/files/original/48/5612/SNBU2010_226.pdf). Acesso em: 23 jun. 2023.

LOPES, Bárbara Pacheco; MARQUES, Joana Brás Varanda; FABRICIO, Tércio Minto; FREITAS, Denise de. Percepção pública da ciência e sua relação com o Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC): Um estudo sobre o município de São Carlos-SP. **Revista do Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura**. V. 2. 2014. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/4108>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MARINO, Daniela dos Santos Domingues. **As gibitecas como polos fomentadores de cultura e formadores de redes sociais de leitores de Histórias em Quadrinhos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1994.

MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2006.

MEY, Eliane Serrão Alves; BARBOSA, Sidney; ARCAIDE, Adriana Souza; LIMA, Nerivanha Maria de; IOST, Simone Michelin; RODRIGUES, Tiago Aparecido. Quatro bibliotecas públicas no interior do estado de São Paulo. **Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil**, Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: [http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03\\_05.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03_05.pdf). Acesso em: 23 jun. 2023.

MOLINA, José Luis. **Cultura Organizativa y redes sociales**: uma aproximación metodológica. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n.10, p. 71-72, 1995.

NANQUIM. **1895 - Yellow Kid**. [s.d.]. Disponível em: <https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

NANQUIMb. **1939 - Gibi**. [s.d.]. Disponível em: <https://nanquim.com.br/gibi/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

NERDIST. **DC's Action Comics #1: Its Cultural Significance, Iconic Characters, and Surprising History**. 2023. Disponível em: <https://nerdist.com/article/history-legacy-characters-dc-comics-action-comics-first-superman-comic-introduces-zatara-national-comics/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

O'NEIL, Dennis. **Guia Oficial DC Comics**: Roteiro. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

PAJEÚ, Hélio Márcio. MAIA, Christina Marchetti; BASSOLI, Maíra Ester; LIMA, Thaís Aparecida. **Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos**. *João Pessoa: Biblionline*, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1920>. Acesso em: 14 abr. 2019.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PARASURAMAN, A.; ZEITHAML, Valarie; BERRY, Leonard. **SERVQUAL**: A multiple-item scale for measuring consumer perceptions of service quality. *Journal of Retailing*, 1988.

PETRY, Cassionei Niches. **Por que HQ não é literatura?** Digestivo cultural. 2017. Disponível em: [https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4448&titulo=Por\\_que\\_HQ\\_nao\\_e\\_lite\\_ratura](https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4448&titulo=Por_que_HQ_nao_e_lite_ratura). Acesso em: 23 jun. 2023.

PINTO, Euzébio Luiz; FURNIVAL, Ariadne Chloe. **Avaliação de serviços de bibliotecas públicas e escolares**: um estudo de caso com utilização do método Libqual+®. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5376144>. Acesso em: 23 jun. 2023.

RUBI, Milena Polsinelli; COSTA, Maria De Fátima Rossi da; KAWAGUCHI, Elza Naomi. Histórias em quadrinhos como coleção especial: uma experiência na biblioteca universitária. **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**. Salvador, v. 20. 2018. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5252>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SANTOS, Luana Schyara Matias dos Santos. **A Gibiteca e seus usuários**: Busca e uso da informação na Gibiteca Henfil da Fundação do Espaço Cultural - PB (FUNESC). Universidade Federal da Paraíba. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22157>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SOUZA, Edvaldo de; TOUTAIN, Lidia Brandão. **Histórias em quadrinhos**: barreiras para a representação documental. Salvador, v. 4, n. 1, p. 78-95, 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3930>. Acesso em: 23 jun. 2023.

TOUR VIRTUAL. **40 anos de CDCC**. Disponível em: <https://sites.usp.br/cdcc40anos/tourvirtual>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VARGAS, Alexandre Linck. Os quadrinhos e a vida: O problema da qualidade literária ao final dos anos 1970. **Revista Darandina**. v. 10, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/28117>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Data Grama Zero**, v. 6, n. 2, art. 04, ago. 2005. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001585/f27caf52f00b14b55cc64d950f2a6a79/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Gibitecas brasileiras**: um espaço para sonhos. [S.l.:s.n.]. 2004. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/gibitecas-brasileiras-um-espaco-para-sonhos>. Acesso em: 28 mai. 2023,

VERGUEIRO, Waldomiro. Produção acadêmica sobre Histórias em Quadrinhos no Brasil (2001-2014). **Semana Internacional de Quadrinhos 2016**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.